

Tudo o que nunca contei

Tudo o que nunca contei

CELESTE NG

TRADUÇÃO DE
JULIA SOBRAL CAMPOS



Copyright © 2014 by Celeste Ng

TÍTULO ORIGINAL
Everything I Never Told You

PREPARAÇÃO
Marcela de Oliveira

REVISÃO
Daniel Seidl de Moura
Rayana Faria

PROJETO GRÁFICO
Amanda Dewey

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
Darren Haggart

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira / Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N479t

Ng, celeste
Tudo o que nunca contei / Celeste Ng ; tradução Júlia Sobral Campos.
- 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.
304 p. ; 21 cm.

Tradução de: Everything I never told you
ISBN: 978-85-805-7974-1

1. Romance americano. I. Campos, Julia Sobral. II. Título.

16-38689

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

um

Lydia está morta. Mas eles ainda não sabem disso. Dia 3 de maio de 1977, seis e meia da manhã, ninguém sabe nada a não ser por este fato inofensivo: Lydia está atrasada para o café da manhã. Como sempre, sua mãe colocou, ao lado de sua tigela de cereal, um lápis bem apontado e o dever de casa de física de Lydia, seis problemas assinalados com pequenos tiques. A caminho do trabalho, o pai de Lydia sintoniza a rádio WXKP, a Melhor Fonte de Notícias do Noroeste de Ohio, cuja transmissão é dificultada pelo chiado da estática. Na escada, o irmão de Lydia boceja, ainda envolto nas reminiscências de um sonho. E, em sua cadeira no canto da cozinha, a irmã está curvada, os olhos bem abertos sobre o cereal, sugando-o floco por floco, esperando Lydia aparecer. É ela quem diz, finalmente:

— Lydia está demorando muito hoje.

No andar de cima, Marilyn abre a porta do quarto da filha e vê a cama intacta: os cantos do lençol ainda dobrados sob o edredom, como num leito de hospital, o travesseiro ainda fofo e arredonda-

do. Nada parece fora do lugar. Calças de veludo cor de mostarda emboladas no chão, uma única meia listrada com as cores do arco-íris. Uma fileira de fitas condecorativas de feiras de ciências na parede, um cartão-postal com a foto de Einstein. A bolsa de lona amarfanhada no chão do armário. Sua mochila verde encolhida na escrivaninha. O perfume Baby Soft na cômoda, um cheiro agradável de talco de bebê ainda pairando no ar. Mas nada de Lydia.

Marilyn fecha os olhos. Quem sabe, quando os abrir, Lydia estará ali, coberta até a cabeça pelo edredom, com mechas de cabelo escapando por baixo, como de costume. Uma montanha mal-humorada encolhida sob o edredom, que Marilyn de alguma forma não tinha visto. *Eu estava no banheiro, mãe. Desci para beber água. Estava deitada aqui o tempo todo.* É claro que, quando ela olha, nada muda. As cortinas fechadas brilham feito uma tela de televisão branca.

No andar de baixo, ela para na soleira da porta da cozinha e põe as mãos em cada lado do batente. Seu silêncio diz tudo.

— Vou olhar lá fora — diz, por fim. — Talvez, por algum motivo...

Mantém o olhar fixo no chão ao avançar em direção à porta de entrada, como se as pegadas de Lydia pudessem estar gravadas na passadeira do corredor.

Nath diz a Hannah:

— Ela estava no quarto ontem à noite. Ouvi o rádio tocando. Às onze e meia. — Nath silencia, lembrando que não dera boa-noite a ela.

— Alguém pode ser sequestrado com dezesseis anos? — pergunta Hannah.

Nath cutuca sua tigela com uma colher. Os flocos de milho murcham e afundam no leite turvo.

A mãe volta para a cozinha, e, por uma gloriosa fração de segundo, Nath suspira de alívio: aí está ela, Lydia, sã e salva. Isso acontece às vezes — o rosto delas é tão parecido que, olhando de soslaio, dá para confundi-las: o mesmo queixo fino, as maçãs do rosto proeminentes e a covinha na bochecha esquerda, os mesmos ombros estreitos. Apenas a cor do cabelo era diferente, o de Lydia é de um preto profundo, enquanto o da mãe é cor de mel. Ele e Hannah haviam puxado ao pai — certa vez uma mulher parou os dois no mercado e perguntou:

— Chineses?

Eles responderam que sim, sem querer entrar em maiores detalhes, e a mulher balançou a cabeça, convencida.

— Eu sabia. Pelos olhos.

Então puxou o canto dos olhos com a ponta do dedo. Mas Lydia, desafiando a genética, de alguma forma tinha os olhos azuis da mãe, e eles sabiam que essa era mais uma razão para que fosse a sua preferida. E a do pai também.

Então Lydia leva a mão à testa e volta a ser sua mãe.

— O carro ainda está aqui — diz ela, mas Nath sabia que estaria.

Lydia não sabe dirigir; ainda não tem nem a carteira provisória. Na semana anterior, ela deixou todos surpresos ao ser reprovada no teste de direção, e o pai não a deixaria sequer se sentar ao volante sem a carteira de motorista. Nath revira o cereal, que se tornou um lodo no fundo da tigela. No hall de entrada soa o tique-taque do relógio, que se aproxima das sete e meia. Ninguém se mexe.

— Ainda vamos para a escola hoje? — pergunta Hannah.

Marilyn hesita. Então vai até sua bolsa e pega o chaveiro, num esforço para mostrar eficiência.

— Vocês dois já perderam o ônibus. Nath, vá com meu carro e deixe Hannah na escola no caminho. Não se preocupem. Vamos descobrir o que está acontecendo.

Ela não olha para nenhum dos dois. Eles não olham para ela.

Depois que os filhos saem, ela pega uma caneca no armário, tentando fazer as mãos pararem de tremer. Certa vez, quando Lydia ainda era bebê, Marilyn a deixou sozinha na sala, brincando sobre uma colcha, e foi até a cozinha para preparar uma xícara de chá. A menina tinha apenas onze meses. Marilyn tirou a chaleira do fogo e, quando se virou, encontrou Lydia de pé, à porta. Ela se assustou e colocou a mão na boca ardente do fogão. A palma de sua mão ficou com uma queimadura vermelha em espiral. Ela levou a mão aos lábios e olhou para Lydia com olhos lacrimejantes. De pé, ali, a filha estava estranhamente alerta, como se observasse a cozinha pela primeira vez. Marilyn não pensou em como perdera aqueles primeiros passos nem em como sua filha havia crescido. O que passou por sua cabeça não foi *Como pude perder isso?*, mas *O que mais você vem escondendo?*. Nath havia se levantado, cambaleado, caído e andado bem diante dela, mas Marilyn não conseguia se lembrar nem de ter visto Lydia começando a ficar de pé. No entanto, ela parecia bem firme sobre os pés descalços, os dedinhos da mão escapando por pouco das mangas amassadas do macacão. Marilyn ficara de costas para a filha muitas vezes, ao abrir a porta da geladeira ou tirar a roupa da máquina. Lydia podia ter começado a andar semanas antes, enquanto Marilyn estava de olho em uma panela, e ela jamais saberia.

Ela pegou Lydia no colo, afagou seu cabelo e disse que a filha era muito esperta, que o pai ficaria orgulhoso quando voltasse para casa. Mas estava com a sensação de ter encontrado uma porta

trancada em um cômodo conhecido: Lydia, tão pequena, ainda no berço, tinha segredos. Marilyn podia alimentá-la, dar banho, passar suas perninhas pelas calças do pijama, mas partes da vida da filha já eram inacessíveis. Ela beijou a bochecha de Lydia e a abraçou, tentando se aquecer junto ao corpinho da criança.

Agora, bebendo chá, Marilyn recorda aquela surpresa.

O número de telefone da escola está preso no painel de cortiça ao lado da geladeira; Marilyn puxa o cartão e disca, enrolando o fio no dedo enquanto o telefone chama.

— Middlewood High — diz a secretária depois do quarto toque. — Dottie falando.

Ela se lembra de Dottie: uma mulher cujo corpo se parecia com uma almofada de sofá, que usava seu cabelo ruivo desbotado preso em um coque alto.

— Bom dia — começa Marilyn, e então vacila. — Minha filha foi para o colégio hoje?

Dottie estala discretamente a língua, demonstrando impaciência.

— Quem está falando, por favor?

Após levar um instante para recordar o próprio nome, ela diz:

— Marilyn. Marilyn Lee. Minha filha é Lydia Lee. Segundo ano.

— Deixe-me dar uma olhada no horário dela. Primeiro tempo... — A mulher hesita. — Física do terceiro ano?

— É, isso mesmo. Com o Sr. Kelly.

— Vou pedir que alguém vá até a sala verificar.

Ouve-se um baque quando a secretária coloca o telefone na escrivaninha.

Marilyn observa sua caneca, a poça de água formada ao redor, na bancada. Alguns anos antes, uma menininha entrou engatinhando em um galpão e acabou ficando sufocada. Depois disso, o de-

partamento de polícia enviou um folheto para todas as casas da vizinhança: *Se seu filho estiver desaparecido, procure por ele no mesmo instante. Verifique dentro de máquinas de lavar e de secar roupas, portamalas, depósitos de ferramentas, em qualquer lugar para onde ele possa ter engatinhado e se escondido. Telefone para a polícia imediatamente se não conseguir encontrá-lo.*

— Sra. Lee? — chama a secretária. — Sua filha não veio para o primeiro tempo. A senhora está ligando para justificar a ausência?

Marilyn desliga sem responder. Coloca de volta o número de telefone no quadro de cortiça, e seus dedos úmidos borram a tinta, de forma que os dígitos ficam turvos, como se soprados por um vento forte ou estivessem submersos.

Ela olha em cada cômodo, abre cada armário. Espia a garagem vazia: nada, a não ser uma mancha de óleo no concreto e o cheiro sutil e inebriante de gasolina. Ela não sabe bem o que procura: pegadas incriminadoras? Um rastro de migalhas de pão? Quando tinha doze anos, uma menina mais velha de sua escola desaparecera e fora encontrada morta. Ginny Barron. Ela costumava usar sapatos boneca que Marilyn cobiçava desesperadamente. A menina tinha ido comprar cigarros para o pai, e dois dias depois encontraram seu corpo ao lado da estrada, perto de Charlottesville, estrangulado e nu.

Então a mente de Marilyn começa a ficar agitada. O verão do Filho de Sam, o *serial killer*, acaba de começar — embora os jornais só tenham passado a chamá-lo por esse nome recentemente —, e, mesmo em Ohio, as manchetes mencionam o último tiroteio. Dali a alguns meses, a polícia pegará David Berkowitz e o país passará a se concentrar em outras coisas: a morte de Elvis, o novo Atari, Fonzie pulando um tubarão. Naquele instante, porém, em que nova-

-iorquinos de cabelo escuro compram perucas louras, Marilyn tem a sensação de que o mundo é um lugar aterrorizante e sem sentido. Coisas como essa não acontecem aqui, ela lembra a si mesma. Não em Middlewood, que se autodenomina cidade, mas não passa de um povoado universitário com três mil habitantes, onde dirigir durante uma hora só leva você a Toledo, onde sair sábado à noite significa ir ao rinque de patinação ou ao boliche, ou a um cinema ao ar livre; onde até o lago Middlewood, no centro da cidadezinha, não passa de uma lagoa superestimada. (Ela está enganada quanto à última observação: o lago tem trezentos metros de largura e é fundo.) Ainda assim, sente um formigamento na lombar, como se besouros caminhassem por sua coluna.

Dentro de casa, Marilyn abre a cortina do chuveiro, os anéis guinchando contra a haste, e observa a curva branca da banheira. Ela procura em todos os armários da cozinha. Olha dentro da despensa, do armário de casacos, do forno. Então, abre a geladeira e espia ali. Azeitonas. Leite. Um frango embalado num pacote cor-de-rosa de espuma, um pé de alface, um cacho de uvas cor de jade. Ela toca o vidro frio do pote de manteiga de amendoim e fecha a porta, balançando a cabeça. Como se Lydia pudesse de alguma forma estar ali dentro.

O sol da manhã banha a casa, cremoso feito mousse de limão, iluminando o interior das cômodas, dos armários vazios, e o chão imaculado. Marilyn olha para as mãos, também vazias e quase incandescentes na luz do sol. Pega o telefone e liga para o marido.

Para James, em sua sala, ainda é só mais uma terça-feira, e ele batuca a caneta nos dentes. Depara-se com um trecho um tanto complicado: *A Sérvia era uma das nações bálticas mais poderosas*. Ele risca

bálticas, escreve *balcânicas*, vira a página. *O arquiduque France Ferdinand foi assassinado por membros da organização Mão Preta. Franz*, pensa ele. *Mão Negra*. Será que os alunos tinham pelo menos aberto os livros? Ele se imagina à frente do auditório, o ponteiro nas mãos, o mapa da Europa desenrolado atrás dele. É uma aula introdutória: “Os Estados Unidos e as Guerras Mundiais”. Ele não espera conhecimento profundo ou visão crítica. Apenas um conhecimento básico dos fatos, e algum aluno que saiba escrever *Tchecoslováquia* corretamente.

Ele fecha o trabalho, escreve a nota na primeira página — sessenta e cinco de cem — e faz um círculo em volta. Todo ano, à medida que o verão se aproxima, os alunos vão ficando agitados; faíscas de ressentimento chamam feito pequenas chamas, que então se apagam aos poucos contra as paredes sem janelas do auditório. Seus trabalhos se tornam desinteressados, os parágrafos terminam do nada, às vezes no meio de uma frase, como se os alunos não conseguissem sustentar um pensamento por muito tempo. Ele se pergunta se aquilo tudo é um desperdício. Todas as anotações de aula que aperfeiçoou, os slides coloridos sobre MacArthur e Truman, os mapas da Batalha de Guadalcanal. Nada além de nomes engraçados que provocam risadinhas, o curso todo apenas mais um requisito para completar a lista antes de se formarem. O que mais ele podia esperar daquele lugar? Ele coloca o trabalho na pilha, junto com os outros, e larga a caneta em cima. Pela janela, observa o pequeno pátio verde e três crianças de jeans azuis jogando *frisbee*.

Quando era mais jovem, ainda um membro novo do corpo docente, James costumava ser confundido com um aluno. Fazia anos que aquilo não acontecia. Ele vai completar quarenta e seis anos na

próxima primavera; seu cargo hoje é vitalício, alguns fios grisalhos se misturam aos pretos. No entanto, ele às vezes ainda é confundido com outras coisas. Certa vez, uma secretária do gabinete do reitor achou que ele era um diplomata japonês de visita e perguntou como fora o voo de Tóquio até lá. Ele aprecia a surpresa no rosto das pessoas quando conta que é professor universitário de história americana. “Bem, eu *sou* americano”, diz, ao notar a surpresa das pessoas, uma pontada de atitude defensiva na voz.

Alguém bate na porta: sua professora assistente, Louisa, com uma pilha de trabalhos.

— Professor Lee, não quis atrapalhar, mas sua porta está aberta. — Ela põe as dissertações na mesa e para. — Esses aqui não estavam muito bons.

— Não. A minha metade também não. Torci para que você estivesse com todos os As na sua pilha.

Louisa ri. Da primeira vez que a viu, em seu seminário de pós-graduação no semestre anterior, ela o surpreendeu. De costas, poderia ser sua filha: as duas tinham cabelo quase igual, escuro e brilhoso, até as escápulas, e a mesma maneira de sentar com os cotovelos juntos do corpo. Quando ela se virou, porém, o rosto era totalmente seu, estreito onde o de Lydia era largo, os olhos castanhos e firmes.

— Professor Lee? — disse ela, estendendo a mão. — Sou Louisa Chen.

Dezoito anos em Middlewood College, pensou ele, e ali estava sua primeira aluna oriental. Sem se dar conta, pegou-se sorrindo.

Então, uma semana depois, ela foi até a sua sala.

— É sua família? — perguntou, virando a foto da escrivaninha para si.

Houve um momento de silêncio enquanto ela analisava a fotografia. Todos faziam o mesmo, e era por isso que ele deixava a foto à mostra. Ele observou os olhos da aluna se movendo pela foto: de seu rosto para o de sua mulher, então para o dos filhos, até voltar.

— Ah — disse ela, após um instante, e ele percebeu que Louisa tentava esconder a própria confusão. — Sua mulher... não é chinesa?

Todos faziam a mesma pergunta. Mas dela ele tinha esperado uma reação diferente.

— Não — respondeu, e ajustou a moldura para que a foto ficasse bem de frente para Louisa, formando um ângulo perfeito de quarenta e cinco graus com a borda da mesa. — Não é.

Ainda assim, no fim do segundo semestre, ele pediu que ela desse as notas dos trabalhos sobre sua palestra de graduação. E, em abril, pediu que fosse sua monitora no curso de verão.

— Espero que os alunos do curso de verão sejam melhores — diz Louisa. — Alguns insistiram que a ferrovia Cabo-Cairo ficava na Europa. Para universitários, eles têm uma dificuldade surpreendente com geografia.

— Bem, uma coisa é certa, não estamos em Harvard — afirma James. Ele junta as duas pilhas de trabalhos e as alinha, como um baralho, na escrivaninha. — Às vezes me pergunto se isso tudo não seria um desperdício.

— Você não pode se culpar se os alunos não se esforçam. E nem todos são tão ruins. Alguns tiraram A. — Louisa pisca para ele, o olhar subitamente sério. — Sua vida não é um desperdício.

James se referia apenas ao curso de introdução, a ensinar àqueles estudantes, que, ano após ano, não se davam o trabalho de aprender nem mesmo a cronologia básica. Ela tem vinte e três

anos, pensa; não sabe nada sobre a vida, desperdiçada ou não. Mas é bom ouvir isso.

— Fique parada — diz. — Tem algo no seu cabelo.

O cabelo dela está frio e úmido, ainda não secou do banho matinal. Louisa fica bem quieta, os olhos abertos encarando o rosto dele. Não é uma pétala, como ele pensou a princípio. É uma joaninha. Quando ele a puxa com os dedos, o inseto anda na ponta dos pés, em suas patas amarelas filiformes, e se pendura de cabeça para baixo na unha dele.

— Essas porcarias estão por toda parte nessa época do ano — declara uma voz na soleira da porta.

James ergue os olhos e vê Stanley Hewitt se debruçando para dentro.

Ele não gosta de Stan, um sujeito que mais parece um pernil de porco rosado e que fala alto e devagar com ele, como se James fosse surdo, e faz piadas idiotas que começam com *George Washington*, *Buffalo Bill* e *Spiro Agnew entraram em um bar...*

— Você quer alguma coisa, Stan? — pergunta James.

Está profundamente consciente de sua mão, o dedo indicador e o dedão esticados como se apontasse uma arma de brinquedo para o ombro de Louisa, e a recolhe.

— Só queria tirar uma dúvida sobre o último memorando do reitor — responde Stanley, mostrando uma folha mimeografada. — Não quis interromper nada.

— Preciso ir, de qualquer maneira — diz Louisa. — Tenha um bom dia, professor Lee. Nos vemos amanhã. Você também, professor Hewitt.

Quando ela passa por Stanley em direção ao corredor, James percebe que o rosto dela está corado, e seu próprio rosto fica

quente. Quando ela some de vista, Stanley se senta na ponta da escrivaninha de James.

— Moça bonita. Ela vai ser sua monitora esse verão também, não é?

— Vai.

James abre a mão conforme a joaninha segue para a ponta de seu dedo, caminhando pelas linhas de sua impressão digital, dando voltas e mais voltas. Ele quer dar um soco bem naquela boca sorridente de Stanley, sentir o dente um pouco torto do sujeito rasgar os nós de seus dedos. Em vez disso, esmaga a joaninha com o dedão. A casca estala feito uma pipoca, e o inseto se desfaz em um pó cor de enxofre. Stanley passa os dedos pelas lombadas dos livros de James. Mais tarde, James vai ansiar pela calma ignorante desse momento, por esse último segundo em que o olhar malicioso de Stan era o pior problema que tinha em sua mente. Mas, por ora, quando o telefone toca, James fica tão aliviado com a interrupção que de início não percebe a ansiedade que toma conta da voz de Marilyn.

— James? Você pode vir para casa?

A polícia informa que muitos adolescentes saem de casa sem avisar. Muitas vezes, dizem, as meninas estão com raiva dos pais e eles nem se dão conta. Nath os observa circular pelo quarto da irmã. Espera ver talco e espanadores de pena, cães farejadores, lupas. Mas os policiais apenas *olham*: os pôsteres presos com tachinhas acima da escrivaninha, os sapatos no chão, a mochila semiaberta. Então, o policial mais novo põe a palma da mão sobre a tampa arredondada e cor-de-rosa do perfume de Lydia, como se segurasse a cabeça de uma criança.

De acordo com o policial mais velho, a maioria dos casos de meninas desaparecidas se resolve em até vinte e quatro horas. Elas voltam para casa por conta própria.

— O que isso quer dizer? — pergunta Nath. — *A maioria?* O que isso quer dizer?

O policial espia por cima dos óculos bifocais.

— Na grande maioria dos casos.

— Oitenta por cento? — insiste Nath. — Noventa? Noventa e cinco?

— Nathan — repreende James. — Já chega. Deixe o policial Fiske fazer o trabalho dele.

O mais novo anota os detalhes em seu caderno: Lydia Elizabeth Lee, dezesseis anos, vista pela última vez na segunda-feira, 2 de maio, vestido frente única florido, pais James e Marilyn Lee. Com isso, o policial Fiske olha atentamente para James, e uma lembrança aflora em sua mente.

— Espere, sua mulher também desapareceu uma vez? Eu me lembro desse caso. Em 1966, não foi?

O calor se espalha pela nuca de James, como se houvesse suor escorrendo por trás das orelhas. Ele fica satisfeito, então, por Marilyn estar esperando perto do telefone ali embaixo.

— Isso foi um mal-entendido — diz, com firmeza. — Uma falha de comunicação entre mim e minha mulher. Um assunto de família.

— Entendo.

O policial mais velho pega o próprio caderninho e faz uma anotação, James bate com os nós dos dedos na quina da escrivanhinha de Lydia.

— Mais alguma coisa?

Na cozinha, os policiais folheiam os álbuns de família em busca de uma fotografia clara do rosto da menina.

— Essa aqui — diz Hannah, apontando.

É uma foto do Natal anterior. Lydia estava mal-humorada. Nath tentou animá-la e arrancar um sorriso dela com a câmera. Não funcionou. Na foto ela está sentada perto da árvore de Natal, encostada na parede, sozinha. Sua expressão é um desafio. A retidão de seu olhar, saindo da página, sem qualquer resquício de perfil, diz: *O que você está olhando?* Na imagem, Nath não consegue distinguir o azul de suas íris do preto de suas pupilas, seus olhos são como buracos escuros no papel brilhante. Quando foi buscar as fotos que estavam para revelar, ele se arrependeu de ter registrado aquele momento, o olhar severo no rosto da irmã. Mas agora admite, ao olhar a fotografia na mão de Hannah, que ela se parecia mesmo com aquela imagem — pelo menos na última vez que a viu.

— Essa não — diz James. — Não com Lydia fazendo essa cara. Vão achar que ela é assim o tempo todo. Escolha uma boa. — Ele folheia algumas páginas e pega a última fotografia. — Essa é melhor.

No seu aniversário de dezesseis anos, na semana anterior, Lydia está sentada à mesa sorrindo com os lábios cobertos de batom. Embora o rosto esteja virado para a câmera, seus olhos observam algo fora da moldura branca da foto. O que é tão engraçado?, Nath se pergunta. Não consegue lembrar se foi ele, ou algo que o pai disse, ou ainda se Lydia estava rindo consigo mesma sobre algo que só ela sabia. Parece uma modelo em um anúncio de revista, os lábios escuros e delineados, com um prato de bolo confeitado de glacê à perfeição na mão delicada, divertindo-se como nunca.

James empurra a foto do aniversário pela mesa na direção dos policiais; o mais novo a coloca em uma pasta de papel pardo e se levanta.

— Isso é o suficiente — afirma. — Vamos fazer um panfleto caso ela não apareça até amanhã. Não se preocupem. Tenho certeza de que vai aparecer.

Ele deixa cair um respingo de saliva na página do álbum, que Hannah enxuga com o dedo.

— Ela não sairia assim, do nada — afirma Marilyn. — E se for algum maluco? Algum psicopata sequestrando meninas?

Leva a mão até o jornal daquela manhã, ainda no centro da mesa.

— Tente não se preocupar, senhora — pede o policial Fiske. — Coisas assim raramente acontecem. Na grande maioria dos casos...

— Ele olha para Nath, depois solta um pigarro. — As meninas quase sempre voltam para casa.

Depois que os policiais vão embora, Marilyn e James se sentam com um pedaço de papel para rascunho. A polícia sugeriu que ligassem para todos os amigos de Lydia, qualquer um que pudesse saber seu paradeiro. Fizeram uma lista juntos: Pam Saunders. Jenn Pittman. Shelley Brierley. Nath não fala nada, mas essas meninas nunca foram amigas de Lydia. Elas estudam juntas desde o jardim de infância, e de vez em quando as garotas telefonam, risonhas e esganiçadas, e Lydia grita: “Já atendi.” Certas noites, ela fica sentada por horas perto da janela no patamar da escada, com a base do telefone no colo, o fone preso entre a orelha e o ombro. Quando os pais passam, ela baixa a voz até virar um murmúrio confidencial, enrolando o fio do telefone no dedo mindinho até que se afastem. Nath sabe que é por isso que os pais escrevem com tanta segurança o nome daquelas meninas na lista.

Mas Nath já viu Lydia na escola, como fica sentada em silêncio no refeitório enquanto as outras conversam; como, depois que terminam de copiar seu dever de casa, ela enfia o caderno de volta na mochila sem dizer nada. Após a aula, caminha até o ônibus sozinha e se acomoda no assento ao lado dele, sem dar um pio. Certa vez, ele ficou na linha depois de Lydia atender ao telefone e não ouviu fofocas, e sim a voz da irmã recitando monotonamente os deveres — *ler Ato I de Otelo, resolver os problemas de número ímpar da Seção 5* — e se calando depois de desligar. No dia seguinte, quando Lydia estava encolhida no assento perto da janela, o telefone encostado no ouvido, ele pegou a extensão da cozinha e só escutou o zumbido baixo do tom de discagem. Lydia nunca teve amigos de verdade, mas seus pais jamais souberam disso. Se seu pai diz “Lydia, como vai Pam?”, ela responde “Ah, está ótima, acabou de entrar para o conselho estudantil da escola”, e Nath não a contradiz. Ele fica impressionado com a imobilidade de seu rosto, com a maneira como ela consegue mentir sem fazer qualquer gesto que a denuncie.

Só que ele não pode contar isso aos pais agora. Observa a mãe anotar nomes no verso de um velho recibo, e quando ela pergunta a ele e Hannah “Vocês conseguem pensar em mais alguém?”, ele pensa em Jack, mas diz que não.

Desde o início da primavera, Lydia tem andado com Jack — ou o contrário. Praticamente todas as tardes, ela fica rodando naquele fusca dele, voltando para casa bem na hora do jantar, fingindo que estava na escola o tempo todo. Essa amizade surgiu de repente — Nath se recusa a usar qualquer outro termo. Jack mora com a mãe na esquina desde o primeiro ano do ensino fundamental, e certa vez Nath achou que poderiam ser amigos. Isso acabou não acontecendo. Jack o humilhou na frente dos outros garotos, riu do su-

miço da mãe de Nath, riu quando Nath achou que ela talvez nunca mais voltasse. Olha só quem fala, pensa Nath agora, logo Jack, que não mora com o pai. Todos os vizinhos fofocaram sobre isso quando os Wolff se mudaram para lá, sobre Janet Wolff ser *divorciada*, sobre Jack ficar solto por aí enquanto ela trabalhava até tarde no hospital. Naquele verão, eles também fofocaram sobre os pais de Nath — mas a mãe de Nath voltou. A de Jack ainda era divorciada. E Jack ainda ficava solto por aí.

E agora? Ainda na semana passada, ao voltar de carro para casa, ele viu Jack passeando com aquele cachorro. Deu a volta no lago e estava prestes a virar na ruazinha sem saída deles quando notou o rapaz no caminho perto do banco, alto e magrelo, o cachorro saltitando logo à frente dele em direção a uma árvore. Jack usava uma camiseta velha e desbotada, e seus cachos louro-escuros estavam armados, despenteados. Quando Nath passou por ele, Jack olhou para cima e assentiu discretamente, um cigarro no canto da boca. O gesto, pensara Nath, era mais de reconhecimento do que de cumprimento. Ao lado dele, o cachorro o olhara nos olhos e levantara a perna casualmente. E Lydia havia passado toda a primavera com o sujeito.

Se eu disser algo agora, pensa Nath, eles perguntarão: *Por que não ficamos sabendo disso antes?* Ele terá que explicar que em todas aquelas tardes em que afirmou “Lydia está estudando com uma amiga” ou “Lydia vai ficar na escola para estudar matemática”, na verdade quis dizer: *Ela está com Jack* ou *Está passeando de carro com Jack*, ou ainda *Saiu com ele deus sabe para onde*. Mais do que isso: dizer o nome de Jack significaria admitir algo que não quer. Que Jack de alguma forma faz parte da vida de Lydia, que faz parte da vida dela há meses.

Do outro lado da mesa, Marilyn procura os números na lista telefônica e os lê em voz alta; James disca, com cuidado e devagar, girando o disco com um dedo. A cada ligação, seu tom de voz demonstra mais confusão. *Não? Ela não comentou nada com você, nenhum plano? Ah. Entendi. Bem. Obrigado mesmo assim.* Nath analisa a textura da mesa da cozinha, o álbum aberto diante dele. A foto ausente deixou um buraco na página, uma janela de plástico transparente mostrando o forro branco da capa. A mãe percorre a coluna da lista telefônica com a mão, manchando a ponta do dedo de cinza. Oculta pela toalha de mesa, Hannah estica as pernas e cutuca o pé de Nath com o seu. Um dedo de conforto. Mas ele não ergue os olhos. Só fecha o álbum, e, do outro lado da mesa, a mãe risca mais um nome da lista.

Depois de telefonarem para o último número, James deixa o aparelho de lado. Pega o pedaço de papel da mão de Marilyn e risca *Karen Adler*, dividindo o K em dois Vs perfeitos. Sob a linha, ainda consegue ver o nome. *Karen Adler*. Marilyn nunca deixava Lydia sair nos fins de semana até que tivesse terminado todo o dever de casa — e quando isso acontecia, em geral, o domingo já estava no fim. Às vezes, nessas tardes, Lydia ia se encontrar com as amigas no shopping e pedia uma carona: “Algumas de nós vamos ao cinema. *Noivo neurótico, noiva nervosa*. Karen está *louca* para ver.” Ele tirava uma nota de dez do bolso e a empurrava pela mesa até ela, querendo dizer: *Está bem, vá e se divirta*. Agora se dá conta de que nunca viu um ingresso, que, até onde se lembra, Lydia sempre estava sozinha no meio-fio quando ele ia buscá-la. Em diversas ocasiões ele parou ao pé da escada no fim da tarde e sorriu, ouvindo a meia conversa de Lydia no patamar acima: “Ai, meu Deus, é *mesmo*? E o que ela disse depois?” Mas agora, ele sabe, já faz anos que ela não telefona para Karen, Pam ou Jenn.

Ele pensa naquelas longas tardes, quando achavam que a filha tinha ficado na escola depois da aula para estudar. Longos períodos em que podia ter estado em qualquer lugar, fazendo qualquer coisa. De repente, James percebe que escondeu o nome de Karen Adler sob um rabisco de tinta preta.

Ele pega o telefone outra vez e disca.

— Policial Fiske, por favor. Sim, aqui é James Lee. Telefonamos para todas as... — Ele hesita. — Todas as pessoas que ela conhece da escola. Não, nada. Está bem, obrigado. Vamos, sim.

— Um policial virá para procurá-la — afirma, colocando o telefone no gancho. — Disseram para deixar a linha desocupada para o caso de ela ligar.

Passa da hora do jantar, mas ninguém nem pensa em comer. Parece algo que as pessoas só fazem nos filmes, algo adorável e decorativo, todo aquele ato de levar um garfo à boca. Uma espécie de cerimônia sem propósito. O telefone não toca. À meia-noite, James manda as crianças para a cama e, embora elas não discutam, fica ao pé da escada até que tenham subido.

— Aposto vinte pratas que Lydia vai ligar até amanhã de manhã — diz, um pouco empolgado demais.

Ninguém ri. O telefone continua sem tocar.

Lá em cima, Nath fecha a porta do quarto e hesita. Quer encontrar Jack — que, ele tem certeza, sabe onde Lydia está. Mas não pode fugir enquanto os pais estiverem acordados. A mãe já está com os nervos à flor da pele, assustando-se toda vez que o motor da geladeira ronca. De qualquer forma, dá para ver pela janela que a casa dos Wolff está às escuras. A entrada de carros, onde costuma ficar o fusca cinza-metálico de Jack, está vazia. Como sempre, a mãe de Jack se esqueceu de deixar a luz da porta da frente acesa.

Ele tenta pensar: Lydia pareceu estranha na noite anterior? Ele tinha estado fora de casa por quatro dias, sozinho pela primeira vez na vida, visitando Harvard — Harvard! —, onde iria estudar no outono. Naqueles últimos dias de aula antes do período de leitura — “Duas semanas para meter a cara nos livros e curtir as festas antes das provas”, explicou Andy, seu aluno-anfitrião —, o campus esteve agitado, com um clima quase festivo. Ele perambulou, boquiaberto, durante todo o fim de semana, tentando assimilar aquilo: as colunas caneladas da enorme biblioteca, o tijolo vermelho dos prédios em contraste com o verde vivo dos gramados, o cheiro doce de giz entranhado nas salas de aula. Os passos resolutos que via no andar de todos, como se tivessem a consciência de estarem destinados à excelência. Passou a noite de sexta-feira em um saco de dormir no chão da casa de Andy e acordou à uma da manhã quando Wes, que morava com Andy, chegou com a namorada. A luz foi acesa e Nath ficou paralisado, piscando em direção à porta, onde um cara alto e barbudo e a menina de mão dada com ele surgiram aos poucos no clarão ofuscante. O cabelo dela era comprido e ruivo, solto e ondulado ao redor do rosto.

— Desculpe — disse Wes, e apagou a luz.

Nath os ouviu atravessando a sala com cuidado até o quarto de Wes. Manteve os olhos abertos, deixando que se ajustassem ao escuro e pensando: *Então é assim que é a faculdade.*

Ele pensa agora na noite anterior, quando chegou em casa pouco antes do jantar. Lydia estava trancafiada no quarto, e, quando se sentaram à mesa, ele lhe perguntou como haviam sido os últimos dias. Ela deu de ombros e mal tirou os olhos do prato, então Nath presumiu que aquilo queria dizer *nenhuma novidade*. Agora não consegue lembrar se ela chegou ao menos a cumprimentá-lo.

Em seu quarto no sótão, Hannah se debruça na beirada da cama e tira o livro de baixo do colchão. Na verdade, o livro é de Lydia: *O som e a fúria*. Inglês Avançado. Não era recomendado para alunos do quinto ano. Ela o furtou algumas semanas antes do quarto da irmã, que nem percebera. Nos últimos dias, vinha avançando na leitura, um pouco a cada noite, saboreando as palavras como uma bala de cereja escondida no canto da bochecha. Nesta noite, de alguma forma o livro parece diferente. Só quando volta as páginas até onde parou de ler na véspera, entende por quê. Lydia sublinhou algumas palavras ao longo do livro, às vezes fazendo anotações das aulas. *Ordem versus caos. Corrupção dos valores aristocráticos sulistas*. Depois dessa página, o livro está intacto. Hannah folheia o resto: nenhuma anotação, nenhum rabisco, nenhum azul em meio ao preto. Hannah percebe que alcançou o ponto em que Lydia parou de ler e não tem mais vontade de continuar.

Na noite anterior, acordada na cama, ela assistiu à lua cruzar o céu feito um balão lento. Não percebia o movimento, mas, se olhasse para outro lugar e depois voltasse para a janela, dava para ver que tinha se movido. Daqui a pouco, pensou, a lua chegará ao topo da sombra do grande abeto do jardim. Levou muito tempo. Ela estava quase adormecendo quando ouviu um leve baque e por um instante achou que a lua tinha de fato batido na árvore. Mas, ao olhar lá fora, a lua não estava mais ali, quase totalmente escondida por uma nuvem. O relógio que brilhava no escuro marcava duas da manhã.

Ficou deitada em silêncio, sem mexer sequer os dedos dos pés, escutando. O barulho pareceu o da porta da frente se fechando. Estava emperrada: era preciso empurrar com o quadril para fechá-la. *Ladrões!*, pensou. Pela janela, viu um único vulto atravessar o gra-

mado. Não um ladrão, apenas uma silhueta magra na noite escura, afastando-se. Lydia? Teve um vislumbre de como seria a vida sem a irmã. Teria o melhor lugar na mesa, com vista para os arbustos de lilás além da janela no jardim, o quarto grande lá embaixo, perto de todos. No jantar, passariam a travessa de batatas para ela primeiro. Ela entenderia as piadas do pai, saberia os segredos do irmão, inspiraria os melhores sorrisos da mãe. Então o vulto alcançou a rua e desapareceu, e Hannah se perguntou se de fato o tinha visto.

Agora, em seu quarto, olha para o emaranhado de texto. Era Lydia, tem certeza disso a esta altura. Deveria contar? A mãe ficaria irritada por Hannah ter deixado Lydia, sua preferida, sair de casa daquele jeito. E Nath? Ela pensa em como Nath ficou com a testa franzida a noite toda, em como, sem perceber, mordeu os lábios com tanta força que começaram a rachar e sangrar. Ele também ficaria com raiva. Diria: *Por que você não correu atrás dela?* Mas eu não sabia aonde ela estava indo, murmura Hannah no escuro. Não sabia que estava indo a algum lugar.

Na quarta-feira de manhã, James telefona para a polícia novamente. Tinham alguma pista? Estavam checando todas as possibilidades. O policial podia dizer alguma coisa, qualquer coisa? Ainda acreditavam que Lydia voltaria para casa por conta própria. Ainda estavam fazendo buscas e, é claro, manteriam a família informada.

James ouve tudo isso e assente, embora saiba que o policial Fiske não pode vê-lo. Desliga o telefone e se senta novamente à mesa sem olhar para Marilyn, Nath ou Hannah. Não precisa explicar nada: eles percebem pela sua expressão que não há novidades.

Não parece certo fazer qualquer coisa senão esperar. As crianças não vão à escola. Televisão, revistas, rádio: tudo parece leviano

diante do medo deles. Lá fora está sol, com o ar fresco e frio, mas ninguém sugere que saiam para a varanda ou o jardim. Até cuidar da casa parece errado: alguma pista pode ser sugada para o aspirador de pó, algum sinal ocultado ao tirarem o livro do chão e o colocarem de volta na estante. Portanto, a família espera. Reúnem-se à mesa, com medo de se entreolharem, encaram os veios da madeira do tampo como se fossem uma imensa impressão digital, ou um mapa sinalizando o que procuram.

Só na quarta-feira de tarde um passante nota o barco a remo no lago, à deriva no dia sem vento. Anos antes, o lago era o reservatório de Middlewood, até a torre de água ser construída. Agora, cercado de grama, serve como local para nadar no verão; os jovens pulam do deque de madeira, e, durante festas e piqueniques, um funcionário do parque desamarra o barco deixado ali. Ninguém suspeita de nada: uma amarração que se soltou, uma brincadeira inofensiva. Não é prioridade. Colocam um lembrete para que um policial dê uma olhada; colocam um lembrete para o encarregado dos parques. Só no fim da quarta-feira, quase meia-noite, um tenente, revendo as pendências do dia, faz a conexão e telefona para os Lee perguntando se Lydia já brincou com o barco no lago.

— É claro que não — responde James.

Lydia se recusou, se *recusou*, a ter aulas de natação no clube. Ele próprio foi nadador na adolescência; ensinou Nath a nadar aos três anos. Com Lydia, começou tarde demais, ela já tinha cinco anos quando foi levada à piscina pela primeira vez e avançou pela extremidade rasa, a água mal chegando à cintura, e esperou. Lydia não queria nem chegar perto da água. Deitou-se com seu traje de banho na borda da piscina e chorou, até que James enfim saiu da água, com o calção de banho pingando, mas o torso seco, e prome-

teu que não a obrigaria a entrar. Até hoje, embora o lago fique tão perto de casa, Lydia só entra com a água na altura dos tornozelos durante o verão, para lavar os pés.

— É claro que não — repete James. — Lydia não sabe nadar.

Só quando profere essas palavras ao telefone, entende o motivo da pergunta. Quando fala, a família toda se arrepia, como se todos soubessem exatamente o que a polícia vai encontrar.

Só na quinta-feira de manhã cedo, logo após o raiar do sol, é que a polícia draga o lago e a encontra.